SOBRE AS NOÇÕES DE "INFORMAÇÃO" NA OBRA INSIGHT DE BERNARD LONERGAN

Francisco Dário de Andrade Bandeira*[*]

RESUMO

Como destacado por Noam Chomsky, o surgimento e o poder explicativo da teoria matemática da comunicação/informação, logo suscitaram importantes usos e expectativas de aplicação em outros campos de estudos. Em nossos dias, observa-se de modo até mais intenso o uso da noção de "informação", Mas como observou Fred Drestke, poucos se ocupam de esclarecer tal noção. Diante dessa lacuna, Dretske dedicou-se a explicitar essa noção no contexto de uma metafísica naturalizada. Bernard Lonergan dedicou-se à compreensão da ocorrência do insight. Em sua investigação/explicação, Lonergan faz uso frequente da noção de "informação". Admitindo a ocorrência de insights nas diversas atividades das comunidades, e ainda, considerando a emergência do "insight" no contexto da atividade científica, busca-se apresentar possíveis convergências entre as referidas investigações. Por fim, uma vez que, após a escrita do Insight, Bernard Lonergan veio a dedicar-se ao método em teologia, espera-se que tal investigação possa contribuir para a constituição do método em teologia.

Palavras-chave: Informação, Insight, Método em Teologia.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho procura explicitar a relação entre dois autores que por meio de suas obras tem influenciado diversos estudos. Fred Dretske e Bernard Lonergan, destacam-se entre os autores que fazem uso da noção de Informação. Busca-se explicitar as convergências e distinções do uso do termo, para a partir daí, compreender como a Informação contribuiu para a constituição do insight ou inteleção. Num segundo momento, constatada a influência da noção de informação na primeira parte do projeto lonerganiano, inicia-se a reflexão sobre a possibilidade da referida noção também poder cooperar para o desenvolvimento do método em teologia, em especial no que diz respeito a constituição da historicidade.

2 SOBRE A NOÇÃO DE INFORMAÇÃO

* Mestre em Filosofia, UFC. darioband@gmail.com

O que é Informação? Eis um termo dos mais utilizados e de grande complexidade de definição. Como destaca Adriaans (2012), embora "a noção de informação tenha sido tematizada na filosofia ocidental desde cedo, uma análise explícita da informação como conceito filosófico é recente e remonta à segunda metade do século XX." Historicamente, ressalta o estudioso, "o estudo do conceito de informação pode ser entendido como um esforço para tornar as propriedades extensivas do conhecimento humano mensurável."(idem). Nesse sentido, Capurro e Hjorland (2007) nos fazem retroceder até as raízes latinas da palavra informação (*Informatio*). Sobre a formação das palavras, é relevante considerar que no ato de nomeação, conforme destacado por John L. Austin:

> Uma palavra nunca, ou bem quase nunca, livra-se de sua etimologia e formação. A despeito de todas as mudanças nas extensões e adições a seus significados que cheguem mesmo a permeá-las e dirigi-las, ainda persistirá a velha ideia... O retorno a história de uma palavra, frequentemente ao latim, conduz comumente a desenhos ou modelos como as coisas aconteceram ou foram feitas. (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 155).

Conforme os estudiosos, no *Oxford English Dictionary*, "o verbete é descrito em dois contextos básicos: o ato de moldar a mente e o de comunicar conhecimento." (idem, p.156). Nessa esfera, os estudiosos observam que nesse caso, o prefixo *in* não tem o sentido habitual de negação, "mas fortalece o ato de dar forma a alguma coisa."(ibidem,156). Mais recentemente, Gonzalez et al. (2004, p. 2), forneceram uma nota exegético-hermenêutica sobre o prefixo *in*:

> O prefixo *in* do termo informação pode ser entendido, enquanto modo acusativo, em três concepções: 1) como expressão da noção de movimento em direção ao lugar para onde se dirige algo; 2) como ordem temporal; de algo que se desenvolve através de processos, e, 3) em sentido figurado; como referência à noção de devir. Considerando essas três acepções do prefixo *in*, podemos compreender o termo informação em relação a um movimento que se desenvolve, através do tempo, rumo ao estabelecimento de algo ainda em formação.

Nesse contexto, observam-se segundo Capurro e Hjorland (2007, p. 156), dois usos frequentes do termo. Primeiro há o uso tangível, onde se destacam atos criadores e de formação ou desenvolvimento. É o caso de Varro (116-27 a.C), por exemplo, que descreve "como um feto está sendo informado (*informatur*) pela cabeça e coluna vertebral."(idem, p. 156). Em segundo lugar, o uso intangível. Este ocorre "em contextos morais ou pedagógicos desde o século II d.C." (ibidem, p. 156). Nesses casos, verificam-se tanto a influência cristã quanto da filosofia grega. Alguns de seus expoentes observam os dois estudiosos, são descritos como educadores, *formadores*, modeladores de pessoas.

Ainda conforme Capurro e Hjorland (2007, p. 157), durante a Idade Media, *informatio* e *informo* continuaram sendo utilizados nos contextos "epistemológicos, ontológicos e pedagógicos". Já na Modernidade, os autores ressaltam que J. D. Peters nos chama a atenção para uma das consequências das demolições institucionais ocorridas entre os séculos XVII e XVIII. Segundo Peters *apud* Capurro e Hjorland (2007, p. 158):

> A noção de que a informação consistia de uma atividade ou processo de dotar alguma entidade material com forma permaneceu bastante inalterada. No entanto, a compreensão de que o universo era ordenado por formas caiu em desuso. In-formar agora era usado num contexto da atividade mental marcando uma inversão fundamental no significado de informação.

No contemporâneo, como ressalta Patrick Charaudeau (2006, p.278), inúmeras são as definições dadas ao termo, além dos diversos usos em setores das atividades humanas, nos quais a "informação" funciona como uma espécie de *commodity*. Para Charaudeau (idem), o termo pode ser considerado a partir de quatro campos de reflexão: 1-O da teoria matemática da comunicação, 2- Da psicologia cognitiva, 3- Pragmática e 4- O dos gêneros discursivos. Observa-se no entanto, que a noção ganhou grande atenção, em especial, a partir do desenvolvimento da teoria matemática da comunicação (TMC). Nessa teoria, desenvolvida na década de 1950, por Claude Shannon e Warren Weaver, interessa identificar os aspectos quantitativos do fluxo da informação, ou seja, buscou-se compreender a medida de quantidade de informação de uma fonte a um dado receptor, de um ponto A até um ponto B. Isto não impediu, no entanto, que outros estudiosos vissem na teoria implicações para outras disciplinas. Conforme destacou Umberto Eco (2001), é importante notar que a ocorrência da informação inscreve-se em um sistema já organizado. Outrossim, Logan (2012, p. 38) refere-se ao esforço de MacKay *apud* Hayles (1999a), que chamou a atenção para a necessidade de determinar a questão semântica do que informar e para quem enviar informação. Ou seja, segundo MacKay, a informação deve ser definida como "a mudança mental em um receptor, portanto, com significado." e não apenas "como o sinal do remetente." Constata-se, no entanto, que essas questões não são tão novas, e vêm sendo observadas por especialistas desde algum tempo. Wiener (1970, p.199), por exemplo, já observara que no ciclo informacional, um emissor X, para transmitir informação não só depende da informação pelo próprio estímulo, mas de toda uma constituição estrutural/relacional da rede informativa. Voltaremos a essa questão mais adiante. Como se vê, os autores da TMC estavam conscientes desses pressupostos e de outras possíveis implicações da TMC. Conforme observou W. Weaver, co-autor da TMC com Shannon, no processo de comunicação da informação, estão em jogo distintas questões que podem ser pensadas envolvendo três níveis:

1) No primeiro nível são abordados os problemas técnicos sobre a quantificação de informações e tratados pela teoria de Shannon. Interessa "a acurácia da informação transmitida pelo emissor para o receptor". Segundo Weaver (1949, p.11) "esses problemas são inerentes a todas as formas de comunicação" ;
2) Em segundo lugar, conforme Floridi (2010, p.6), destacam-se os problemas semânticos relativos à interpretação do significado pelo receptor, levando em conta a intenção pretendida pelo emissor. Para Floridi (2010, p.6) aqui "estão em jogo problemas

semânticos relativos ao significado e à verdade.";

3) Por fim os problemas sobre a influência ou eficácia do processo de comunicação de informações sobre o comportamento humano. Weaver (1949) considerava que nesse campo, a comunicação da informação desempenhava um papel igualmente importante em relação aos dois anteriores.

Como ressaltado por Chomsky (2009, p. 30), no começo da década de 1950, a TMC fornecera um conceito fundamental – o conceito de informação - *ou pelo menos uma noção fundamental* para a compreensão de uma gama de fenômenos da comunicação. Segundo o linguísta, já "a partir dessa noção, emergiu a expectativa de unificação entre as ciências sociais e do comportamento." Nutriu-se claramente a expectativa que a junção desses saberes permitiria o desenvolvimento de sólida e satisfatória teoria do comportamento humano e dos organismos sob bases probabilísticas. Esses esforços, conforme ressalta Bandeira (2015, p.23), podem resumir-se assim:

a) A informação está inserida num processo/cadeia valorativa. Quem tem informação possui algo potencialmente valioso;

b) Informação pode ser registrada (codificada), transmitida e armazenada (estocada) por diversos meios;

c) Em geral a informação pode ser recuperada quando necessário;

d) Trata-se de um termo amplamente utilizado em diversas áreas das atividades humanas;

e) As relações informacionais podem ser entendidas como compondo um ciclo. Esse ciclo pode ser, pode ser situado no âmbito do processo de geração do conhecimento.

No contexto filosófico, autores nos fazem ver a emergência ao longo da segunda metade do século XX, de uma verdadeira *teia* de vertentes de estudo sobre a informação. Conforme Peter Adriaans (2012), os estudos sobre Informação no século XX, podem ser organizados em seis abordagens; quatro de cunho quantitativo e duas de cunho ontológico e semântico. Gonzalez et. al (2004), propuseram uma divisão semelhante, porém com apenas duas vertentes: uma de ênfase matemática e outra ontológico-semântica. Destaca-se ainda a proposta de Luciano Floridi (2010), que diante da amplitude de usos do termo, propôs o desenvolvimento de uma nova área de estudos: A Filosofia da informação.

Em meio a proliferação de abordagens que procuram por um lado compreender a natureza e o fluxo da informação, bem como o interesse da ciência no estudo dessa entidade, e ainda os usos e demanda por informação, emergem, conforme nosso entendimento, duas questões centrais: primeiro, como ressaltado pelo filósofo Fred Dretske (1981), embora seja comum o uso do termo

em livros, atividades cotidianas, etc., é incomum apresentar-se uma definição sobre o que é informação. Segundo, que tal entidade possui poder causal, ou seja, a informação pode gerar algo. Essas duas questões parecem nortear os verdadeiros desafios aos estudos sobre a informação.

A respeito da primeira questão, persistiu a necessidade de explicitação do que de fato é Informação, pelo menos até 1981. Coube a Fred I. Dretske, na *Knowledge and the Flow of Information (KFI),* o desenvolvimento de uma influente teoria que, partindo da TMC, procurava conforme Dretske, explorar "uma estrutura subjacente" à TMC, para dela tirar implicações semântico-epistemológicas. Dretske procurou aplicar as noções daí extraídas, ao desenvolvimento de uma teoria semântico baseada em informação que acarretava importantes contribuições para a Epistemologia. Em outros termos, Dretske veio a definir o projeto de *KFI* como uma metafísica materialista, nele se explora uma definição de Informação em sua relação com a geração do Conhecimento. Conforme Barwise (1983, p.65) a noção básica da abordagem de Dretske em *KFI*, é que uma situação carrega informação sobre outra e uma vez que elas operam sobre regularidades, tal mecanismo, a reboque dos resultados obtidos pela TMC, pode ser tomado como confiável. Bernecker (2006, p.159) ressalta que em *KFI* Dretske (1981), (entre outras coisas) "desenvolve uma versão do confiabilismo em termos de informação":

> Para uma crença carregar a informação que p, não é suficiente que ela seja causada por um processo confiável que só acontece para transportar as informações que p. As mesmas propriedades do processo que são responsáveis por carregar a informação que p também têm que ser responsáveis em causar a crença segura de que p. Em outras palavras, o conhecedor deve ser capaz de distinguir entre as propriedades geradoras da informação que originam sua crença e outras propriedades irrelevantes, de modo que a sua crença não teria sido formada na ausência destas propriedades relevantes da informação. (BERNECKER, 2006, p. 159) .

Segundo Dretske, no contexto da TMC, emergem restrições legiformes entre situações e, estas habilitam uma situação a carregar informação sobre outra. No contexto da segunda vertente, dado que Dretske pressupõe a ocorrência da "informação" na Natureza, bem como a relação com regularidades nômicas. Mas como já aludido, Dretske explora outro modo aspecto da ocorrência da informação e de fato é neste segundo que concentra seus esforços. De acordo com o filósofo a informação pode tornar-se significativa, gerando inclusive conhecimento. Nesse sentido, Gonzalez et al. (2004, p. 9) esclarecem que "diferentemente dos teóricos da informação, a preocupação de Dretske reside na tentativa de explicar o aspecto significativo da informação subjacente às crenças que fundamentam o conhecimento vinculado à percepção".

Na esfera da semântica informacional, Frederick Adams (2004) ressalta o fato de que as mensagens podem conter informação sobre o que está ocorrendo em outra parte sugere "a possibilidade de reverter o sentido de uma mensagem (ou pensamento) às origens informacionais em seu ambiente". Conforme Moles (1969, p.184) a mensagem informacional pode ser entendida como uma seleção ou

sequência tirada de um repertório. A possibilidade de reversão e o aspecto contextual requerem mecanismos que garantam certa estabilidade na observação do fluxo informacional. Esse estado de coisas coloca frente a frente o mundo do intérprete e o mundo natural. Nessa esfera, a realização da reversão[1] mencionada por Adams acima, caberia a uma teoria semântica da informação. Na tentativa de cumprimento dessa tarefa, Gonzalez et al. (2004, p. 9) destacam o papel de Fred Dretske:

> Os estudos de uma abordagem contemporânea da semântica informacional, amplamente conhecida pelos filósofos da mente e cientistas cognitivos, foi originalmente elaborada por Dretske na obra *Knowledge and The Flow of Information* (1981), que aborda problemas relativos à Teoria do Conhecimento, a partir da perspectiva informacional... Nessa abordagem o conhecimento é descrito como "crença fundada em informação". Aquilo que daria veracidade e justificaria uma crença culminando em conhecimento empírico, perceptual seria a informação.

Na inteligência de Dretske, uma vez que na TMC regularidades são tomadas como presentes nos processos que garantem o comportamento dos diferentes sistemas de comunicação, e que a informação enquanto ali transmitida está envolta nessas regularidades, o filósofo serve-se dessas noções de modo fulcral para tentar assegurar o fluxo da informação entre os elos da cadeia de comunicação. Dretske anuncia isso de modo claro: "as probabilidades condicionais usadas para calcular ruído, o envio e transmissão e, por conseguinte as probabilidades que definem o conteúdo do sinal são todas determinadas por relações nômicas que existem entre a fonte e o sinal." (Dretske 1981, p. 76-77). Isto implica conforme entendemos, que por um lado tanto a informação em si (no seu aspecto físico e semântico)[2], quanto os *links que* estabelecem o fluxo gozam de estabilidade via regularidades e *constraints*[3]. Destarte, a percepção e a crença daí decorrente gozam, portanto, de tais fundamentos para serem afirmadas como verdadeiras. Em outros termos, para Dretske "a transmissão da informação requer não somente um conjunto de correlações de fatos, mas uma rede de dependência nômica entre a condição na fonte e as propriedades do sinal."(idem). E por que não adicionarmos: e finalmente de seu receptor! Portanto, ressalta Dretske, "o fluxo informacional genuíno, ocorre somente quando suas correlações estatísticas são sintomas decorrentes de leis." (ibdem, p. 247 n. 6-7).

Como veremos a seguir, Bernard Lonergan também associa a noção de Informação ao contexto da geração do conhecimento. Embora não aluda a uma garantia de verdade nos termos nomológicos dretskianos, em alguns instantes, na obra Insight, Lonergan parece pressupor esse tipo

---

1 Entendemos que essas noções uma vez estendidas a outras áreas do saber, por exemplo para a História e a Teologia, poderiam prover mecanismos de reconstrução de suas referências. Essa possibilidade será retomada na quarta parte desse trabalho.

2 Décio Pignatari esclarece que: "o teor de informação dos sinais não é algo destacado dos próprios sinais, não é algo de que os sinais sejam meros portadores, como invólucros ou veículos que pudessem carregar e descarregar seu conteúdo" (1984, p.16), ou seja, informação e sinal se imbricam, formam uma só entidade. Retomaremos essa imbricação característica do sinal informacional sob a roupagem da relação forma e conteúdo, e como ficará claro, esta noção conforme entendemos, coopera para a exposição do processo de como a informação pode produzir conhecimento na abordagem dretskiana (1981).

3 Um *constraint* é uma restrição que constrange determinado fenômeno a um modo/comportamento. Para Bandeira (2015, p.40), um *constraint* pode agir pressionando o sistema a certo tipo de comportamento relativamente constante.

de garantia decorrente de leis, advinda da Informação, tendo como uma das implicações, alta probabilidade de verdade.

3 BERNARD LONERGAN E AS NOÇÕES DE INFORMAÇÃO NA OBRA INSIGTHT

Em sua obra Insight[4] (1957), conforme nos esclarece Henriques (2010), Bernard Lonergan faz o esforço de investigar, em diálogo com outras ciências, como emerge o insight (inteleção) na consciência. Outrossim, deve-se ter por claro, como destaca Giustiniani (2006, p34), que Lonergan via na obra, o primeiro de dois passos centrais na tentativa de recuperação de, pelo menos, sete séculos de atraso teológico. O segundo passo seria a constituição de um método para a teologia, influenciado fortemente pelos cânones do "Insight".

Conforme Pasquale Giustiniani (2006, p. 38) há uma intenção central de Lonergan em oferecer no Insight, um percurso para a compreensão das "tendências funcionalmente operativas que fundamentam o ideal de conhecimento". Na primeira parte da obra, Lonergan procura responder uma pergunta fundamental: O que acontece quando conhecemos? Tendo por claro que esse conhecimento, pode em determinadas condições, nos permitir compreender um universo de ser, com isso estará respondida a segunda pergunta: O que se conhece quando ocorre um conhecimento?

O diálogo Dretske-Lonergan encontra aqui um ponto importante, pois segundo Dretske, dadas as garantias da informação (enquanto ocorrendo de modo natural ou linguístico), em vez de pensar o conhecimento como uma crença verdadeira justificada, é possível definir conhecimento em termos de crença baseada em informação. Segundo Dretske, nesse caso, a verdade está garantida pela informação (a informação é sempre verdadeira, uma vez que as regularidades dos sistemas informativos, em especial os naturais, sempre oferecem a informação de uma dada maneira), e a justificação pode ser tomada como primitiva. O que se verá logo mais, é que Lonergan, ao pensar sob determinadas noções de informação, as toma também como confiáveis. No entanto, Lonergan considera que comumente seja necessário acrescentar informações sobre determinado evento/fenômeno ou que certas informações podem ser incompletas, mas essa carência/necessidade parece emergir da noção de conhecimento aproximativo.

No "Insight", Lonergan examina inicialmente o âmbito psicológico da intelecção (Para usar uma terminologia da filosofia da ciência, encontramo-nos no contexto da descoberta). Depois move-se para as atividades empíricas das ciências e nelas explora, por um lado, *digamos* os processos de uso, acúmulo e geração de novas informações. Conforme observa Giustiniani (2006, p.39), nesse instante da pesquisa o "ciêntista", não é visto "como alguém que se deixa invadir passivamente pelos dados fenomênicos." Doravante, Lonergan examina os meandros das

4 F.E.Crowe *apud Giustianini* (2006, p.34), fornece uma síntese dos conteúdos da obra.

articulações daí decorrentes (associações, perguntas, juízos, etc). O que emerge daí, diz-nos Giustiniani (idem) "é uma auto-apropriação progressiva do processo de intelecção." A essa altura, estamos situados no contexto das articulações que podem produzir justificação para o conhecimento obtido[5].

Seguindo em nossa investigação, dado que ciências como a Física, Química e Biologia utilizam largamente a noção de informação tanto para referir-se ao ato de transmissão de dados, bem como o processo de verificação de provas e geração de conhecimento, era de se esperar que tal noção emergisse na argumentação lonerganiana[6]. Conforme já aludido, nas referências em que o eminente teólogo canadense faz ao termo "informação", Lonergan demonstra ter em mente, a reboque dos usos científicos da noção, algo que pode ser oferecido como fonte de certeza para construção de cadeias argumentativas ou na constituição de raciocínios. No quadro baixo, temos uma lista das diferentes noções do termo Informação, conforme entendido por Lonergan.

O TERMO "INFORMAÇÃO", SEGUNDO LONERGAN NA OBRA INSIGHT

Nº	Versão em Português	Ênfase
01	p.81 [73] "informação cabal" (completa, inteira) "Informação sobre certa situação básica". Recaptulação, p.83 [74]	No contexto de inferências concretas a partir de leis clássicas, para uma compreensão adequada dos dados, em processos que podem ser sistemáticos ou assistemáticos.
02	p.83 [74] **"centros de informação"** **"Informação recente e exata."**	Centros de Informação usualmente reconhecidos, que podem a produzir/estocar informações especializadas. Casos de previsão de eclipses e boletins de previsão do tempo.
03	p.88 [80] "A dedução de cada um dos eventos de um processo assistemático começa por exigir **informação mais abundante e mais exata do que a que se obteria".**	A intelecção inversa. Investigação estatística x Investigação clássica. "A ciência clássica raras vezes se preocupa em explicar os eventos singulares do processo assistemático."
04	p.94 [87] "Descoberta estatística (enquanto distinta da **informação estatística**)."	Uma analogia na estrutura heurística: Estrutura heurística clássica x Estrutura heurística estatística. Passo Nono: Descoberta clássica x Descoberta estatística

5 Foge ao escopo desse trabalho um detalhamento da noção de "virtualmente incondicionado", central para compreensão dessas noções. Para uma apresentação muito didática e perspicaz da noção, ver Giustiniani (2006, p.41)
6 A lista de ocorrências do termo Informação, segue duas edições. A paginação da versão em Inglês (2010) aparece na tabela entre colchetes, do lado direito da versão em Português (2012).

5	p.109 [104] "No terceiro caso*, utilizar-se-ão os conjugados experiencias e requerer-se-á **uma informação adicional** para determinar se..."	Cânones do método empírico. Cânone 4: Parcimônia. Modos de verificar conjugados puros e conjugados experienciais. Distinção entre as relações das coisas entre si e com os nossos sentidos. Uso dos conjugados experiencias* (A', B', C')
6	p.149 [149] "O determinista desejaria **plena informação, exata** até a enésima casa decimal… o defensor da probabilidade emergente satisfaz-se com qualquer situação inicial **(informativa)** em que os esquemas mais elementares possam e, provavelmente, venham emergir.	Complementaridades das investigações clássicas e estatísticas. Complementaridade do conhecido. Probabilidade de esquemas x probabilidade emergente. Consequências de um processo do mundo, em que o desígnio é uma probabilidade emergente. Ponto 5.
7	p.154 [155] Laplace – asserção de que por uma única formula matemática… poderia deduzir qualquer situação **a partir da informação cabal de uma situação singular**…	Clarificação por contraste. Visões darwinianas e laplaciana do mundo.O seguidor de Laplace não consegue chegar… a não ser que disponha **de uma informação plena** e precisa sobre a situação básica. Já Darwin, é indiferente aos pormenores da situação básica.
8	p.197a, 197b [206a, 206b] A memória é o **arquivo de informação suplementar.**	Senso comum e seu sujeito. Padrões de experiência; O padrão biológico. Uma caracterização mais informativa do padrão biológico. Comparação entre animais e plantas.
9	p.408 [452] De fato, cada ciência, **é um conjunto de elementos de informação e correlação.** Ele (o cientista), deve entender como se **adquiriu a informação.**	O método da Metafísica Método científico e filosofia A Filosofia pode servir-se do raciocínio científico
10	p.423 [470] Tal como a atividade cognitiva ascende a pontos de vista superiores… , o processo **objetivo implica a informação** e a atualização da potência primeira	O método da Metafísica Potência e finalidade
11	p.441 [491] "**A totalidade dessa informação** constitui os dados relativos ao operador".	Método genético, Desenvolvimento orgânico. Sistema superior enquanto integrador (formas conjugadas) e operador (transição de um conjunto de formas). Ocorre tendência de ajuste mútuo.
	p.463 [516]	A metafísica como ciência

12	Tanto os termos como as relações constituem o enquadramento básico a ser preenchido… e em segundo lugar, **pela informação completa sobre situações concretas.** p.547 [616]	Relações: A estrutura (metafísica) inteira é relacional. Não podemos conceber os termos sem as relações, nem as relações sem os termos
13	Existem resíduos não sistemáticos ao nível dos próprios documentos… uma grande quantidade de acidentes não verificáveis poder intervir nas decisões… Boa parte disso é obscuro, ambíguo e inexplicado, … e seria iluminado se… **a informação que dispomos** dos autores e das origens fosse mais completa. p.594-595 [673-674]	A metafísica como dialética Alguns cânones para uma hermenêutica metódica
14	Concedidas **informações completas** sobre um conjunto de eventos… assegurado o conhecimento do padrão concreto, poderíamos utilizá-lo como guia para obter informações sobre a totalidade de eventos relevantes. p.620 [703]	Concorda com a negação, no caso geral, da possibilidade de dedução e predição… Em resumo… dedução e previsão são impossíveis para o ato irrestrito da compreensão deveria poder deduzir, por meio de uma premissa abstrata noutra ou combinando premissas abstratas com informação.
15	… e o avanço da matemática e da ciência **empírica fornece informação precisa**, necessária para o efetuar.	Causalidade. A noção de Deus. A afirmação de Deus. Comparações e contrastes. Emerge uma analise penetrante que pretende explicar a existência de todas as outras visões, assim como para estabelecer a sua própria.

Fonte: O autor.

4 CONVERGÊNCIAS SOBRE A NOÇÃO DE INFORMAÇÃO ENTRE *KFI* E O INSIGHT

A primeira convergência que salta numa vista inicial entre as obras, é seu diálogo com as ciências e atividades/produtos que daí emergem. Dretske explora a TMC e dela faz surgir uma noção de Informação de cunho não mais apenas quantitativa, mas de cunho semântico-epistemológico. Lonergan como ressalta Henriques (2010), mantém intenso diálogo com as "ciências duras" e delas extrai noções e exemplos para a compreensão de como emerge a intelecção. Dretske e Lonergan apontam aspectos quantitativos e qualitativos da informação. Relativo a quantidade, por exemplo, podemos receber mais ou menos informação, ela pode ser completa ou não. Quando à qualidade da informação, ela pode apontar a necessidade de complementos que funcionarão para fazer emergir significados para tomada de decisões.

Outro aspecto diz respeito as certezas que podem ser produzidas a partir da informação. Para Dretske, dadas as regularidades nas quais emerge ou se constitui a informação, isso pode produzir crenças num dado receptor (via percepção por exemplo). Essas crenças levarão o agente a ação. Processo semelhante é admitido por Lonergan, quer seja no contexto de atividades sistemáticas quanto assistemáticas. Nesse contexto, podemos imaginar por exemplo, o processo de obtenção de informação e geração do conhecimento como que ocorrendo em camadas. Um agente X que tenha uma percepção adequada do sinal de trânsito que estava vermelho e muda para verde, estará justificado em seguir viagem, ultrapassando o sinal no cruzamento. Nesse caso, X faz uso de elementos estruturantes e deflagrantes (ao nível biológico, por exemplo) no momento da ação (por meio de uma camada A de informações). Agentes costumam possuir um estoque semântico (digamos uma camada B de informações) que são acessados para deflagrar uma decisão para determinada ação. Verificam-se ainda, no terceiro momento, a produção de novas informações (digamos uma nova camada C de informações). Este ciclo, como se percebe, pode ser aplicado de modo dinâmico às diferentes atividades humanas, isto inclui é claro, o ambiente científico de nossos autores.

Por fim, uma vez que os autores estão convencidos, em medidas diferentes é verdade, sobre o fato de que a informação pode cooperar para a constituição de relatos verdadeiros, gerando inclusive conhecimento, é fundamental aprofundar a compreensão dessa entidade, agora no contexto de outras atividades, por exemplo, a Teologia.

5 OLHAR APROXIMATIVO AO MÉTODO EM TEOLOGIA – ACONTECIDO, SIGNIFICADO E HISTÓRIA

Dadas as convergências sobre a noção de informação, considera-se possível dar um passo adiante e procurar conectar tais semelhanças a um aspecto da argumentação de Lonergan na obra Método em Teologia[7]. Mas é preciso notar de antemão que agora para Lonergan, as expectativas de garantia informativa são mais fluídas. Em outros termos, o teólogo mostra-se cauteloso quanto à qualidade das informações nesse contexto. Por outro lado, mantendo a noção de informação de Dretske, poderia ser distinguido entre causas que estruturam dado evento e causas que deflagram as ações. Essa tensão será abordada agora no âmbito da dimensão histórica da teologia.

Conforme Henriques (2011, p. 65), a questão lonerganiana perseguida no Método em

7 Para Henriques (2011, p.65), a obra, "na realidade, é uma introdução geral à hermenêutica." Por um lado, um professor de teologia precisa acumular muitos tipos de conhecimento: competências linguísticas, ciências auxiliares como arqueologia, ciências históricas e sociais, panorama de filosofia, etc. Para Lonergan, isso é tarefa quase impossível. Em vez de preocupar-se em desenvolver tais competências, o teólogo deve ocupar-se em focalizar no método. Para uma interpretação de cunho teológico especializada, vide Pascuale Guistiniani (2006, p.78-86). O estudioso ressalta influências passadas e presentes em Lonergan que direcionam a estruturam das referidas especialidades.

Teologia pode ser formulada assim: "será que se poderiam classificar as operações intelectuais que qualquer teólogo tem de realizar ao ensinar *questões relativas à teologia (grifo nosso)*." E ainda, "será que existem operações de conhecimento semelhantes em toda a teologia?"(ibdem). Para Henriques (2011), essa questão não está restrita *apenas* à teologia, mas aplica-se a qualquer saber metodologicamente organizado. Isso é expresso conforme Henriques, no Método em Teologia a partir do capítulo *As Oito Especialidades Funcionais.* Outrossim, de acordo com Giustiniani (2006, p. 80-81), "as especializações funcionais são precisamente as fases distintas e separáveis de um único processo que parte dos dados para chegar aos resultados últimos."

Dentre as especialidades aludidas, interessa agora ressaltar a de número quatro. A especialidade História[8]. No âmbito dessa especialidade, estão pressupostas as noções de acontecimento e significado como constituintes inerentes ao discurso científico histórico. Interessa agora lançar o olhar para a dimensão histórica dos relatos, busca-se refletir sobre em que medida, as noções sobre "informação" de Lonergan e Dretske, podem constranger o fato histórico enquanto acontecimento, levando-os a constituírem-se de um modo X e não de um modo Y. Dadas as especifidades da informação na teoria dretskiana, os significados que podem emergir daí também são constrangidos a serem elaborados de um certo modo, seguindo uma regularidade? Finalmente, esses dois estágios poderiam influenciar a interpretação do historiador, levando-o a raciocinar de um certo modo e não de outro em suas investigações? Admitidas tais implicações, seria possível indagar então pelo desenvolvimento das narrativas históricas e em que medida expressam o acontecido. Nesse sentido, Udo Schnelle (2010, p. 29-30), ressalta que, apesar dos limites na recuperação do acontecido, não se deve abandonar absolutamente a relação com o acontecido, mas refletir sobre suas condições de realização. "Construção", observa Schnelle (idem, p. 30), "não significa algo que pudesse ser justificado a partir de si mesmo, mas atrelado a métodos e elementos reais preestabelecidos." E ainda, diz-nos o teólogo em Halle:

> Os conteúdos de materiais de fontes precisam ser inseridos numa relação que tenha sentido e significado, eles precisam permanecer disponíveis à discussão e recepção dentro do discurso científico. Todas as afirmações humanas estão sempre inseridas em compreensões gerais preestabelecidas a cerca da realidade e do tempo, sem as quais a construção e a comunicação não são possíveis. Cada ser humano é geneticamente pré-construído e constantemente socioculturalmente co-construído. A reflexão e a construção são sempre atos posteriores que se referem a algo préestabelecido, de modo que cada forma de autocerteza não repousa em si mesma, mas precisa sempre da relação com algo ocorrido

8 Conforme Giustiniani (2006, p.82), observa que Lonergan considera que esta pode ser dividade em história de base, história especial e história geral. Na articulação dessas noções, três passos metodológicos devem ser dados: distinguir entre história e ciência da natureza e seus objetos e modos de expressão respectivamente. Em segundo lugar, o conhecimento historicamente constituído implica em ter experiência histórica, inteligência histórica e juízo histórico. Por fim, estabelecer distinção entre o momento pré-crítico na investigação histórica e a história crítica, de primeiro e segundo grau. Examinam-se aqui os manuais de medotologia, quer dizer, como sugere Schnelle (2010, p.26) é preciso distinguir entre *Geschichte/geschichtlich* (história/histórico, o que aconteceu), *Historie/historisch* (ciência histórica e historiografia) e *Historik* (a teoria científica da história, uma meta-história ou história das teorias históricas). Finalmente, deve-se abrir as discussões sobre pluralismo e relativismo histórico, e ao estudo das estruturas heurísticas.

anteriormente que a fundamenta e possibilita. (SCHENELLE, 2010, p. 30)

Portanto, dado que o histórico constituiu elemento fundamental na articulação da linguagem teológica, parece legítima a questão sobre a investigação sobre em que medida as noções de Informação aqui exploradas poderiam cooperar para a expressão da realidade historicamente acessada e reconstruída.

5 CONCLUSÃO

A noção de informação revelou-se de grande importância para a compreensão de muitas atividades, em especial a partir do século XX. O discurso científico contemporâneo mostra-se influenciado por essa noção, disso testemunham as obras de Dretske e Lonergan.

Dado que a informação ocorre sob dadas circunstâncias naturais e linguísticas, a compreensão dos elementos que agem no processo de geração da informação, sejam naturais ou produções humanas, pode favorecer a explicação dos diversos mecanismos e raciocínios na atividade científica. Lonergan utiliza a noção de informação para investigar o modo o processo de explicação do insight, bem como sua constituição. Como essa obra é a primeira parte de um projeto lonerganiano, justifica investigar se a referida noção utilizada não poderia cooperar na constituição do método em teologia, em especial no que se refere a investigação dos aspectos da constituição histórica.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Frederick. Information theory. In: THE CAMBRIDGE dictionary of philosophy. 2st edition.Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 435-437.

ADRIAANS, Pieter. Information. In: Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2012.

BERNECKER, Sven; Reading Epistemology: selected texts with interactive commentary. New York: Blackwell Press, 2006.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. Perspectivas em ciência da informação. Belo Horizonte, v.12, n.1. 2007. Disponível em: <http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/54/57>. Acesso em: 10 nov. 2012.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de análise do discurso. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2006.

CHOMSKY, Noam. Linguagem e mente. Tradução Roberto Leal Ferreira.São Paulo. 3. ed. Editora Unesp, 2009.

DRETSKE, Fred I. Knowledge & the flow of information.2th. Cambridge, MA: MIT, 1982.

FLORIDI, Luciano. **Information**: a very short introduction**.** New York: Oxford University Press, 2002.

GIUSTINIANI, Pasquale. Bernard Lonergan. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2006. (Coleção Teólogos do século XX).

GONZALEZ, M. E. Q; NASCIMENTO, T.C.A.; HASELAGER, W.F.G. Informação e conhecimento: notas para uma taxonomia da informação. **Encontros de ciências cognitivas**, v. 4, p. 195-220. 2004.

HENRIQUES, Mendo Castro. Bernard Lonergan e o *insigth*. Introdução Felipe Cherubin e transcrição Denny Marquesani. São Paulo: É Realizações, 2011. (Coleção Filosofia atual).

HENRIQUES, Mendo Castro. Bernard Lonergan: uma filosofia para o século XI. São Paulo: É Realizações, 2010. (Coleção Filosofia atual).

LOGAN, Robert K. Que é informação?:a propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera. Tradução Adriana Braga. Rio de Janeiro: Contraponto, PUCRIO, 2012.

LONERGAN, Bernard. *Insigth:* um estudo do conhecimento humano. Tradução Mendo Castro Henriques e Artur Mourão. São Paulo: É Realizações, 2010. (Coleção Filosofia atual).

LONERGAN, Bernard. Método em teologia. Tradução Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2012. (Coleção Filosofia atual).

PIGNATARI, Décio. Informação, linguagem, comunicação. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

SHANNON, C. E. The mathematical theory of comunication.Reprinted with corrections from The Bell System Technical Journal,Vol. 27, pp. 379–423, 623–656, July, October, 1949.Disponível em: < http://worrydream.com/refs/Shannon%20-%20A%20Mathematical%20Theory%20of %20Communication.pdf>. Acessoem: 19 nov. 2015.

SCHNELLE, Udo. Teologia do novo testamento. Tradutora Monika Ottermann. Santo André, SP: Academia Cristã; Sao Paulo: Paulus, 2010.

STOEGER, William R. As leis da natureza: conhecimento humano e ação divina. São Paulo: Paulinas, 2002. (Coleção Religião e cultura).